

TRADUÇÃO, ENTRE PROPAGANDA E DIPLOMACIA.

A HISTÓRIA DA EDIÇÃO ALEMÃ

DOS DISCURSOS DE SALAZAR

Teresa Seruya

Universidade de Lisboa / Universidade Católica Portuguesa

Abstract: The article firstly shows how the subject changes directionality in Translation Studies in Portugal, as it deals with official translation into foreign languages. Secondly, it outlines concepts deemed appropriate to address the politics of translation within the National Propaganda Secretariat, such as soft power and propaganda, and their interconnections with information and diplomacy. References are then made to studies on the special relationship between the Portuguese Estado Novo and the Nazi-Regime. The main focus of the article is the reconstruction of the entangled process leading to the German edition of Salazar's speeches. Two groups of translators were doing the same job at the same time, but one of them had to abandon its translation following a clear interference of the German Embassy in Lisbon.

Keywords: Propaganda, Diplomacy, Politics of Translation, Salazar

1. Introdução

O assunto que nos propomos tratar integra-se numa rede em que se entrecruzam tradução, política (em geral e externa) e propaganda, enquadrada esta por preocupações diplomáticas da parte dos vários agentes envolvidos nos processos que vamos descrever. Para os Estudos de Tradução em Portugal a escolha do objecto é inovadora. Na verdade, até aqui a investigação sobre o traduzir e as traduções durante o Estado Novo (1933-1974)¹ procurou desvendar os relacionamentos, os cruzamentos das literaturas estrangeiras com a literatura e a cultura portuguesas, como revela o projecto bibliográfico em curso *Intercultural Literature in Portugal 1930-2000: A Critical Bibliography* (www.translatedliteratureportugal.org). Porém, com o presente contributo, em vez de nos debruçarmos sobre a circulação de textos do exterior para o sistema literário português, o enfoque passa a ser na exportação, em tradução, de textos, discursos, legislação, panfletos, cartazes, etc. produzidos e depois mandados traduzir pelo Estado para as (assim consideradas) principais línguas europeias; inglês, francês, alemão, espanhol e italiano. Trata-se, aliás, não só de uma mudança de direcção, mas igualmente de uma diferenciação do objecto, do seu alargamento ao texto pragmático. Não chega a ser surpreendente que o Estado se tenha servido, para aquela tarefa, de uma instituição particularmente vocacionada para a criação de uma imagem positiva da ditadura portuguesa no estrangeiro. Referimo-nos ao Secretariado da Propaganda Nacional (SPN), fundado logo em 1933 e dirigido por António Ferro (1895-1956) até 1949. Em 1944, porém, a instituição mudará de nome para SNI – Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo. O SPN e Ferro tornaram-se, assim, verdadeiros “agentes da tradução” (Milton/Bandia), reunindo em si tradução, política e propaganda. A substituição de ‘Propaganda’ por ‘Informação’ “teve subjacentes efectivas preocupações de aperfeiçoamento do aparelho” (Ó 895). Estas “preocupações”, centradas na relação do Governo com os órgãos de informação, traduziram-se nomeadamente na entrega ao SNI dos Serviços de Censura. Mas outro tipo de preocupações estiveram certamente presentes também: com a previsível derrota tanto do fascismo italiano (Mussolini começara a sair de cena em 1943) como do Nacional-Socialismo através da reviravolta na II Guerra em 1944, não era aconselhável o uso de uma palavra tão ligada aos dois regimes derrotados.

¹ A chamada “Revolução nacional” que pôs fim à 1ª República ocorreu em 1926, porém, só em 1933, com a aprovação da Constituição, o novo regime se passou a designar de ‘Estado Novo’, derrubado em 1974 com a “Revolução dos Cravos”.

2. Propaganda, informação, *soft power*

O próprio SPN e a sua actividade convidam à discussão sobre as diferenças e semelhanças entre propaganda e informação, melhor, sobre a ténue fronteira entre as duas, mormente em contexto de política externa, de diplomacia. É certo que o conceito de *soft power* é recente. Foi desenvolvido por Joseph Nye (secretário-adjunto da Defesa na Administração Clinton), para se referir a um tipo de política externa, necessário no mundo re-ordenado que se seguiu ao 11 de Setembro, que não se baseia nem na aquisição territorial nem no poderio militar (*hard power*), mas basicamente na cultura, a exercer-se para fora de fronteiras (Nye x). Tratar-se-ia, sobretudo para pequenas nações que não podem ou não querem exercer *hard power*, de promover um *brand nationalism*: ligar um país a imagens positivas para promover investimentos e turismo. Cremos que o conceito pode ser útil para explicar o empenho do SPN e do próprio Salazar na encomenda e acompanhamento das traduções dos seus discursos. A tradução pode, assim, ser vista como um instrumento de *soft power* com a intenção última de dar a conhecer, mas sobretudo de fazer boa propaganda do pensamento do político Salazar.

Mesmo assim, não damos por respondida a questão da fronteira entre *soft power* e propaganda. Na actualidade, e no espaço público português, “fazer propaganda” é expressão usada pejorativamente como acusação aos adversários políticos (contrapondo-se a um discurso tido por objectivo, certo e autêntico) ou como componente necessária da acção política (dos partidos, nas campanhas eleitorais, etc.) e, neste caso, com um sentido relativamente neutro. Já do ponto de vista histórico a propaganda foi uma componente bem visível, institucional mesmo, da actuação de partidos e regimes de sinal contrário (comunistas e fascistas) ao longo do século XX (e prolongando-se pelo XXI...). Assistia-se, então, à caricata situação de que o que se considerava propaganda era proibido (“propaganda comunista”, “propaganda fascista”), enquanto a instância que enunciava/decretava a proibição rasurava o facto de ela própria estar inserida numa instituição estatal de propaganda. Recorde-se, por exemplo, a Comissão de Censura ao Livro no Estado Novo, que usava como um dos critérios de proibição de um livro tratar-se nele de “propaganda” (geralmente de ideias consideradas “subversivas”, cf. Seruya/Moniz). O próprio Salazar, no discurso que pronunciou aquando da inauguração do SPN em 1933, estava claramente ciente das conotações da palavra naqueles tempos de fascismos e comunismos: “Vamos abstrair de serviços idênticos noutros países, dos exaltados nacionalismos que os dominam, dos teatrais efeitos a tirar no tablado internacional. Tratemos do nosso caso comezinho” (Salazar 258s.).

Assim, esclareceu que dava à propaganda o sentido de combater a “ignorância” de jornalistas, escritores e políticos estrangeiros, “proveniente das más informações que aqui mesmo lhes dão” (260), quando “muitos dos que falam e escrevem sobre Portugal não visitaram nunca o País: deve haver ao dispor de uns e outros elementos bastantes para que inconscientemente não deturpem a verdade [...]” (261). Mas insistiu ainda na “verdade” e na “justiça” que deveria pautar a actividade do SPN, pois “nem a Nação nem o Governo têm necessidade que alguém minta a seu favor, nem pode o Secretariado ser injusto com ninguém” (262). Este assenhorear-se da “verdade” e da “justiça” pelo regime ditatorial é, na verdade, típico das conotações mais negativas da propaganda.

Impõe-se uma reflexão mais exigente sobre as diferenças entre propaganda e informação, propaganda e diplomacia², propaganda e *soft power*. Uma definição de propaganda que nos parece adequada, pelo seu carácter geral, é a proposta por M. Sordi (citado por Busino), adaptando-se bem à função da tradução no SPN:

[...] todo o gesto, acção, manifesto, *slogan*, discurso, obra escrita, imagem ou representação artística, destinada a exercer uma pressão psicológica sobre a opinião pública para acreditar ou desacreditar uma ideia, uma pessoa, um produto, uma linha política ou religiosa. (Busino 315)

3. As relações entre Portugal e a Alemanha durante o Estado Novo

As relações entre Portugal e a Alemanha no século XX revestem-se de um interesse muito particular naquele período em que Estado Novo e Nacional-Socialismo coincidem. Podemos já contar com um número significativo de estudos sobre os contactos entre os dois regimes até ao fim da II Guerra Mundial (Jesus; Torgal; Matos; Matos/Grossegeesse; Medina; Telo; Vieira; Pina; Louçã; entre outros). Eu própria dei o meu contributo ao investigar a vinda para Lisboa, no princípio da década de 40, de Wolfgang Kayser (1906-1960), Professor de Germanística, onde leccionou vários anos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (“Wolfgang Kayser in Portugal” e “Wolfgang Kayser in Portugal. Zu einem wichtigen Kapitel der portugiesischen Germanistik”). Kayser veio apenas juntar-se a outros professores alemães, Joseph Piel e Albin E. Beau, que já leccionavam na Universidade de Coimbra, e aos quais depois ainda se juntaria Harri Meier, em Lisboa.

Apesar de nunca se ter chegado a um acordo cultural ente Portugal e a Alemanha, que a Legação alemã tinha desejado, pode falar-se numa forte presença da Alemanha nazi em Portugal, tanto na política como na ciência, a partir dos seguintes exemplos:

² “Simple propaganda often lacks credibility and thus is counterproductive as public diplomacy” (Nye 107).

— Tanto as organizações de juventude *Mocidade Portuguesa* como a instituição para os tempos livres dos trabalhadores FNAT (Federação Nacional para a Alegria no Trabalho) tiveram os seus modelos respectivamente na Juventude Hitleriana (*Hitlerjugend*) e na KdF (*Kraft durch Freude*), como já foi amplamente demonstrado (Vieira; Matos).

— Havia um contacto próximo entre instâncias governamentais e universitárias e a Legação alemã em Lisboa, provavelmente no âmbito da (tristemente) célebre “mobilização para a guerra das ciências do espírito alemãs” (*Kriegseinsatz der deutschen Geisteswissenschaften*), que ficou ligada ao reitor da Universidade de Kiel Paul Ritterbusch.

— Se é verdade que todas as partes beligerantes faziam a sua propaganda no Portugal “geometricamente neutro”³, era claro também que a do III Reich revelava especial eficácia (Telo).

— Ainda em Fevereiro de 1944 foi inaugurado em Lisboa o Instituto de Cultura Alemã (*Deutsches Kulturinstitut*), numa cerimónia em que pontuaram nomes grados da cultura e ciência alemãs: Karl Vossler fez a conferência inaugural, marcaram presença Carl Friedrich von Weizsäcker e Hans-Georg Gadamer. O Director era Harri Meier, Albin E. Beau o secretário-geral e Wolfgang Kayser o director do departamento científico.

— As revistas SINAL⁴ e A JOVEM EUROPA tinham uma boa divulgação no nosso país, mesmo fora de Lisboa; a proveniência destas revistas não impediu, no entanto, que, no caso de A JOVEM EUROPA, esta escapasse ao escrutínio da Comissão de Censura ao Livro, como aconteceu no ano de 1942.⁵ Publicava artigos de Portugueses, como do próprio Salazar que, no III volume da revista, faz publicar um discurso sobre “trabalho, riqueza e acção do Estado na vida económica da nação” junto a uma alocução de Adolf Hitler aos soldados da Frente Leste (cit. R 1523 A/1942). Outros autores portugueses como Rolão Preto, o líder dos Nacional-Sindicalistas e Gustavo Cordeiro Ramos, germanista, também ali escreviam.

— Portugal homenageou cientistas alemães, como o teórico da eugenia Eugen Fischer que, em 1937, recebeu o Doutoramento *honoris causa* pela Universidade de Coimbra.

— Também alguns professores universitários portugueses se deslocaram à Alemanha, em meados de 1941, numa viagem organizada pelo lado alemão.⁶

³ A “neutralidade geométrica” auto-caracterizou a política externa portuguesa ditada por Salazar quando a II Guerra rebentou, tendo passado a “neutralidade colaborante” quando o fiel da balança passou a pender para os Aliados.

⁴ Tiragem em 1943: 15000 ex. Era editada na Alemanha, em língua portuguesa (Torgal 212).

⁵ Ver, deste ano de 1942, os Relatórios 1523 A, 1523 B, 1523C, 1523D e 1523 E (consultáveis online a partir do site da DGARQ / Torre do Tombo).

⁶ V. Arquivo da PIDE-DGS, processo 1237-SR.

— Por fim, o próprio NSDAP tinha as suas estruturas montadas em Portugal. Assim, Wolfgang Kayser foi director da formação ideológica do NSDAP / Portugal; o jurista Horst Lübbecke foi responsável pela organização do NSDAP em Portugal; e organizaram-se campos de férias para a Juventude Hitleriana e para a Liga das Raparigas Alemãs (BDM) em Portugal no verão de 1943.

4. Salazar traduzido

Com este título apresentei pela primeira vez num Colóquio em Lisboa, em 2014, um estudo que procurou mapear as traduções para línguas estrangeiras não só dos Discursos e entrevistas de Salazar, mas também de legislação e outros materiais considerados de relevância para a imagem de Salazar e do Estado Novo no estrangeiro.⁷ Este estudo, em nova versão, foi recentemente publicado (“Salazar translated”).

Entre 1934 – logo no ano a seguir à sua fundação – e 1967 o SPN/SNI publicou centenas de exemplares tanto de legislação do Estado Novo e documentos afins, como de textos de Salazar, em língua portuguesa, seguidos, no mesmo ano, das respectivas traduções em inglês, francês, espanhol, alemão e, muitas vezes, também italiano. O Secretariado tinha um numeroso grupo de tradutores (c. de 90) a trabalhar para si, muitos estrangeiros e alguns nativos, muito poucos como seus funcionários. A regularidade com que as traduções surgiram ao longo de mais de vinte anos não indicia um *outsourcing* amador, pelo contrário, como Cotrim bem descreve (20-54), houve grande cuidado e empenho na escolha dos tradutores, recorrendo-se a fontes tão relevantes como embaixadas em Portugal e no estrangeiro, institutos culturais, universidades, as Casas de Portugal, entre outros.

Entre 1934 e 1942, o SPN basicamente patrocina (encomenda, autoriza, paga, manda traduzir, manda imprimir, manda divulgar por personalidades dos países estrangeiros⁸ etc.) edições estrangeiras de entrevistas e discursos de Salazar (recorde-se que a primeira recolha portuguesa dos Discursos é publicada em 1935 e respeita ao período de 1928 a 1934). Nalgumas línguas, como em francês, chegam a sair dois volumes. Mas também vai publicando panfletos como o *Decálogo do Estado Novo* (1934), em inglês (*The ten commandments of the Portuguese New State*) e francês (*Décalogue de l'État Nouveau Portugais*) (s.d.,

⁷ Tratou-se do Colóquio Internacional “50 years that changed the world. Translation in the first half of the 20th century”, que teve lugar na Universidade Católica Portuguesa (10-11 Julho de 2014).

⁸ Na documentação que consultámos existem listas de personalidades, fornecidas pelas Embaixadas no estrangeiro, a quem o SPN/SNI pretendia enviar as obras de Salazar.

mas provavelmente 1937). Cotrim atribui a provável autoria do original a António Ferro e filia este tipo de texto nos vários *Decaloghi* publicados pela Itália fascista a partir de 1926 (22). Ao mesmo tempo vão sendo publicadas obras sobre Salazar de autores estrangeiros, que podiam ou não ser depois traduzidas para português também pelo SPN/SNI.

O projecto de maior envergadura a que o SPN se dedicou foi provavelmente a tradução dos Discursos de Salazar, que sairão ao longo dos anos em seis volumes antológicos. O primeiro destes, abarcando os textos produzidos entre 1928 e 1934 e publicado em 1935 servirá de texto de partida para a maioria das edições estrangeiras. No meu estudo (“Salazar translated”) reconstruí a génese das antologias estrangeiras, com especial relevância para a francesa (1937) por ter servido de base a várias outras. Mas também a inglesa (*Doctrin and Action*, 1939) e a checa, esta detalhadamente preparada, mas que nunca viu a luz do dia, são elucidativas de como Salazar e o Estado Novo nos anos 30 e 40 eram tudo menos desconhecidos, aliás também fora da Europa (vide a edição japonesa). A história externa da edição alemã foi então tratada de forma propositadamente incompleta, para posteriormente poder ser aprofundada e completada.⁹

5. História da antologia alemã *Portugal: das Werden eines neuen Staates* (1938)¹⁰

Os primeiros passos para a publicação de uma edição alemã dos Discursos de Salazar ocorreram no princípio de 1937.¹¹ A 21 de Fevereiro, Friedrich Rudolf Knapic, esloveno de nascença, colaborador ou professor da Faculdade de Economia (na altura ISCEF, Instituto de Ciências Económicas e Financeiras, onde havia uma “Deutscher Studiensaal für Wirtschaft und Finanzen” – Sala de Estudo alemã para Economia e Finanças) e leitor de Alemão na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, escreve, em papel timbrado da

⁹ Foi o que fiz no Colóquio Internacional da Associação Portuguesa de Estudo Germanísticos (APEG): *Nationalismus: Europe in its Labyrinth* (21-22 Abril de 1996, Universidade Católica Portuguesa). A minha comunicação intitulou-se “Übersetzung, Politik und Propaganda. Zur Geschichte der Übersetzung von Salazars Reden ins Deutsche”. Não a entreguei para publicação, aproveitando agora esta oportunidade para a sua divulgação em língua portuguesa, e com novas informações, embora sempre no âmbito da história externa da tradução dos Discursos de Salazar.

¹⁰ Completamos e parcialmente corrigimos, com as nossas informações, o relato de Medina, que coloca o início da edição alemã em 1938, tendo sido, segundo este historiador, os alemães que “tomaram a iniciativa de ditarem um breviário do pensamento salazarista, aliás de *motu próprio*, uma vez que se tratava agora de uma publicação patrocinada pelo Ministério alemão dos Negócios Estrangeiros, com vista à formação do seu pessoal diplomático [...]” (Medina 148).

¹¹ Toda a documentação aqui citada encontra-se na DGARQ / Torre do Tombo, FSNI (Fundo do Secretariado Nacional de Informação), Caixa (Cx) 4226, que contém em diferentes pastas os processos de várias edições estrangeiras, incluindo a alemã.

instituição, a António Ferro, assinando-se o “amigo dedicado e gratíssimo Rodolfo Frederico Knapic”. O propósito da carta era apresentar ao SPN e a Ferro os seus dois alunos, candidatos a tradutores para alemão, Joaquim Baptista Sabino e Costa e Horst Thimm, o primeiro finalista de Filologia Germânica na Faculdade de Letras, o segundo romanista, bolsheiro do Instituto para a Alta Cultura por intercâmbio com o DAAD (Serviço Alemão de Intercâmbio Académico) e parente de Joseph Goebbels. Ambos viviam em Lisboa e estavam imbuídos de forte motivação ideológica. Queriam executar a tarefa para

[...] poderem ter a honra de contribuir com as suas pequenas possibilidades para o estreitamento cada vez mais sincero do espírito luso-alemão, mas poderem ter ainda o prazer espiritual e levar a todos os alemães [sic] a palavra natural, franca, sadia, a palavra portuguesa de Chefe Português [...] Na Alemanha Nacionalista há milhões de homens que [...] sabem compreender a verdade intangível da palavra quente de Salazar, olham com admiração e respeito a obra gigantesca do Estado Novo português e vivem a mesma alegria, a alegria sagrada do renascimento da pátria. (Carta de 15 de Fevereiro de 1937)

Ferro aceitou a proposta com entusiasmo e prometeu aos dois o apoio do SPN. Thimm, ainda por cima, poderia facilitar a publicação dos Discursos na Alemanha. Os dois chegaram a ser recebidos no SPN (26/02/1937) e iniciaram os contactos com a Alemanha, embora não se saiba com qual editora. Posteriormente, uma carta a Salazar de António Eça de Queiroz, sub-director do SPN na altura, datada de 18 de Maio de 1937, revela que a editora contactada fora a Essener Verlagsanstalt e também que os dois jovens têm a tradução quase concluída e a submeterão a Salazar antes da publicação. Há, inclusive, um despacho do chefe do Governo sobre este assunto (21/07/1937), em que este prevê a eventual distribuição gratuita da edição por falantes de alemão e não assume o compromisso de escrever um prefácio ao livro, sugerindo a conveniência de um prefácio da autoria de “personalidade importante alemã [...] o nome do Dr. Goebbels seria muito bem recebido”; “a tradução [...] pode, para tranquilidade dos tradutores, ser revista por pessoa que indicarei.” Outro aspecto digno de nota, que consta do mesmo documento, revela a consciência de Salazar de que os paratextos (palavra obviamente não conhecida na época) que acompanham cada edição devem variar conforme a língua, pelo que as notas da edição francesa não servem sem mais para a alemã.

Porque se fala aqui da edição francesa (*Une révolution dans la paix*, Flammarion, 1937)? Na verdade, inicialmente, a edição alemã seria feita com base na francesa, tendo o director da editora francesa Flammarion, Max Fischer, escrito ao embaixador alemão Barão von Hoyningen-Huene, que conhecera em Lisboa, a perguntar se considerava oportuna a edição, pois havia sido contactado nesse sentido pela Deutsche Verlagsanstalt, de Stuttgart

(carta de 29/06/1937). António Ferro recebeu cópia desta correspondência. Acaba por ser o SPN a responder a Fischer, recusando a sua mediação, por já existirem contactos com outra casa editora da Alemanha (carta de 17/09/1937). Para trás ficara o contacto que o germanista e professor universitário Gustavo Cordeiro Ramos fizera com a editora de Stuttgart, onde ele próprio publicara, em Dezembro de 1936 (na “Europäische Revue” ali editada), um artigo sobre o Estado Novo. Mas será ele o escolhido do SPN para fazer o prefácio à edição alemã.¹²

Embora, como se disse, a tradução feita pelos dois estudantes se encontrasse quase concluída, o fim deste Verão de 1937 assistirá a um volte-face muito significativo. A 17/09 e 21/09, o SPN escreve separadamente aos dois tradutores, Thimm e Sabino respectivamente, agradecendo muito o empenho dos dois, mas confirmando-lhes que eles próprios desistiram da publicação da sua tradução porque “não se verificaram as condições inicialmente propostas”. Também por esses dias (16/09) segue carta do mesmo SPN para a Alemanha, Trier, dirigida ao Prof. Joseph Maria Piel, confirmando que seria ele o tradutor, após o que fora tratado com o representante da Essener Verlagsanstalt e na presença do diplomata alemão du Moulin-Ekart; a segunda razão evocada para a tarefa da tradução ser confiada a Piel é que Thimm e Sabino e Costa “que haviam sido autorizados a fazê-la [a tradução], [desistiram] dela em virtude de não terem podido levar a termo as negociações que entabularam com a mesma casa editora.” É desejo de Salazar que a tradução seja feita sobre o texto português. Mais:

Sua Excelência julga também conveniente o método seguido na edição francesa de serem substituídas as palavras de introdução dos discursos por notas resumidas das circunstâncias em que cada discurso foi pronunciado, devendo, porém, ser feitas pequenas alterações nas notas que figuram na referida edição. Estas alterações são fornecidas pelo Secretariado. (Carta do SPN, 16/09/1937)

Estas cartas de Setembro de 1937 foram o culminar de uma história paralela que se vinha desenrolando há já várias semanas. Assim, no fim de Agosto Sabino e Costa já sabia que tinha sido “despedido” e queixa-se a António Ferro, numa missiva com informações preciosas:

O encarregado de Negócios da Alemanha em Lisboa, Senhor Conde du Moulin-Eckardt, levou a sua diplomacia ao ponto de, por intermédio do

¹² Cordeiro Ramos, ao tempo Presidente da Junta Nacional de Educação, aceita escrever o prefácio, em resposta a carta de Silva Dias de 17/09/1937, quatro dias mais tarde. Escreve em papel timbrado do Ministério da Educação Nacional que “[...] aceito esse encargo, sobremaneira honroso, tanto mais que se trata de uma iniciativa de indiscutível alcance para mais perfeito conhecimento nas terras de Além-Reno dos princípios orientadores da renovação portuguesa que tem como chefe o Ex.mo Senhor Doutor Oliveira Salazar” (21/09/1937). É este prefácio que é analisado em detalhe por Medina.

Senhor Horst Thimm – cidadão alemão e, portanto, às ordens da Legação alemã – me oferecer dinheiro não só da casa editora Essener Verlagsanstalt mas ainda dos fundos da própria Legação e, até, o seu pessoal e decidido apoio em qualquer pretensão que eu, por ventura, viesse a ter em relação ao Reich, com a condição de lhe enviar por escrito e devidamente assinada aquela desistência [da tradução]. V.-Ex^a [...] compreenderá, primeiro como português e depois como combatente devotado da causa sagrada deste nacionalismo redentor por que lutamos, a afronta que uma tal atitude do representante dos negócios de um país estrangeiro representa para a dignidade de alguém que, apesar de pobre, pôs tão desinteressadamente os seus humildes préstimos ao serviço da causa que desde verdes anos guarda no relicário da sua alma [...]. (Carta a Ferro, de 31/08/1937)

Ou seja, a intervenção da representação diplomática alemã junto do SPN provocou a alteração imediata dos projectos deste em relação à edição alemã. Ferro teve de voltar com a palavra atrás. Aliás já antes desta carta, a 26 de Agosto, escrevera ao diplomata alemão, confirmando Piel como tradutor e a Essener Verlagsanstalt como editora. Num resumo que o próprio SPN faz de toda esta história, e que consta da documentação, ficamos a saber que, afinal, Piel já estava a traduzir os Discursos de Salazar ao mesmo tempo que os outros dois tradutores, mas por intermédio da Legação da Alemanha e em contacto com a editora alemã. Uns quinze dias antes (12 de Agosto) o próprio Conde du Moulin-Eckardt, conselheiro da Legação da Alemanha, deslocara-se ao SPN, com Piel e o representante da editora alemã de Essen, Müller-Clemme. Silva Dias dará testemunho desta conversa, registando a impressão de que F. R. Knapic não era *persona grata* na Legação alemã, que Piel insistia em ficar com o seu nome ligado à tradução, e que du Moulin-Eckardt não aceitara bem que Horst Thimm tivesse tomado a iniciativa de contactar a editora alemã sem dar conhecimento à Legação. Em resultado de todas estas diligências, os dois jovens tradutores iniciais vão desistir formalmente da autoria da tradução alemã dos Discursos, cuja publicação na Alemanha não querem prejudicar.¹³

O controle que o SPN e o próprio Salazar exerceram sobre a tradução alemã fica ainda patente na correspondência do SPN, através de Silva Dias, com o Gabinete de Salazar. Assim, em carta enviada a 03/12/1937 à secretária de Salazar, Emília de Souza Ferreira, informa-se que o SPN fará a revisão das Notas, que serão, além disso, submetidas à aprovação de Salazar. Por outro lado, o empenho de Piel é cada vez mais evidente, ultrapassando a mera tradução, pois sugere a inclusão, na edição, de “artigos ou estudos de Sua Exc^a o Presidente do Conselho versando assuntos de carácter económico ou social” (na mesma carta). O próprio SPN tem ideias sobre este apêndice, e faz também as suas sugestões: que esse apêndice seja substituído “por notas, não assinadas, resumindo: a) – a

¹³ Do resumo do documento elaborado por Silva Dias, p. 4, nota de 13/08/1937.

estrutura jurídica do Estado Novo; b) – a obra financeira; c) – atitude do Governo português perante a guerra civil de Espanha.” O final da carta aguarda as “ordens” de Salazar sobre o assunto.

A documentação consultada inclui uma cópia do contrato (não assinada), em cujo primeiro parágrafo Joseph Piel e Albin Eduard Beau (este acrescentado à mão) são dados como tradutores (na obra editada os dois são indicados como tradutores, ao mesmo nível). Sabino e Costa ainda prestaria um serviço à “causa” (recordar o seu depoimento de 31 de Agosto), resumindo em português uma extensa recensão que o jornal alemão *Germania* publicou da edição alemã dos Discursos em 12/08/1938. No seu texto chega a fazer uma lista de “omissões”, não sendo ainda claro se se refere a omissões da tradução alemã, se a omissões de passos não reproduzidos pelo jornal alemão, do discurso que este mais detalhadamente reproduziu, o do discurso do Porto, de 28 de Abril de 1934. Será possível verificá-lo em trabalho posterior, mais do âmbito da história interna da tradução dos Discursos.

6. Epílogo

Em Março de 1943 esteve para ser publicada uma segunda edição desta tradução alemã que temos vindo a descrever. E, de novo, Joseph Piel surge como o seu impulsionador (“Memorial”, de 12/03/1943), sugerindo, inclusive, o acrescento de vários textos. Salazar nada tem a opor, dando ao SPN inteira liberdade para lidar com o assunto. Mas Piel acaba por comunicar ao SPN, em 29/07/1943, que a Essener Verlagsanstalt desistira momentaneamente da referida segunda edição.

7. Considerações finais

Em 1952, o agora SNI elabora um documento de balanço “Elementos acerca da actividade desenvolvida pelo Secretariado desde a sua criação 1933-1952”¹⁴. Aqui se podem confrontar os números das publicações em línguas estrangeiras. Sem surpresa, as línguas francesa e inglesa encabeçam a lista (380 publicações em francês, 258 em inglês). O espanhol surge em terceiro lugar com 166 publicações e, a alguma distância, o alemão (com 56) e o italiano (com 15).

Embora as publicações em língua alemã surjam em quarto lugar, e considerando as histórias das outras edições estrangeiras dos Discursos de Salazar (Seruya,

¹⁴ Caixa 4006, porta-fólio □ Alínea III e IVl, FSNI, DGARQ (*apud* Cotrim 18). O documento vem aqui transcrito na íntegra.

“Salazar translated”), é legítimo concluir que em nenhuma outra houve uma intervenção tão directa da respectiva representação diplomática em Lisboa (ou da portuguesa no estrangeiro). O rocambolesco dos diferentes processos de tradução a decorrer em paralelo aponta para que a própria autoridade do francófilo António Ferro tenha sido posta em causa perante a influência alemã, bem vista pelo Gabinete de Salazar, conhecidas que são as relações de simpatia mútua e amizade entre o chefe do Governo português e Oswald von Hoyningen-Huene, representante máximo da Alemanha em Lisboa entre 1934 e 1944 (cf. Jesus).¹⁵

Após termos, com este estudo, completado a história externa das edições estrangeiras dos Discursos de Salazar, resta à investigação tratar da história interna da tradução dos mesmos. Trata-se, com efeito, de cotejar cada tradução estrangeira com os originais portugueses, para 1) – Verificar se os Discursos foram traduzidos na íntegra, ou com omissões e/ou acrescentos, conforme os destinatários; 2) – Verificar se há padrões de alterações em cada língua, e sua interpretação; 3) – Comparar os paratextos das edições entre si; 4) – Analisar extensivamente, embora por amostra, as opções dos diferentes tradutores e respectivas consequências no sentido de cada Discurso. Só assim o nosso tema, tradução, entre propaganda e diplomacia, ficará mais próximo de um tratamento satisfatório.¹⁶

Bibliografia citada

- Busino, Giovanni. “Propaganda”. In: *Enciclopédia Einaudi*, vol. 38: *Sociedade-Civilização*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1998, pp. 314-335.
- Cotrim, João Pedro Caeiro da Silva Bernardo. *Tradutores e Propagandistas. Da tradução como ferramenta de propaganda do Estado Novo no estrangeiro e da indústria que se desenvolveu em torno desta no Secretariado de Propaganda Nacional / Secretariado Nacional de Informação*. Dissertação de Mestrado em Tradução, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2010.
- Jesus, José Manuel Duarte de. *Dança sobre o Vulcão. Portugal e o III Reich, O ministro von Hoyningen-Huene entre Hitler e Salazar*. Lisboa: Ed. 70, 2017.

¹⁵ O último parágrafo (p. 3) do contrato entre Joseph Piel e a editora Essener Verlagsanstalt, já referido, prevê que um dos quatro exemplares a serem assinados seja depositado “no Secretariado da Legação alemã em Lisboa”. É mais um elemento significativo do envolvimento diplomático na tradução alemã.

¹⁶ É preciso acrescentar que, para que o nosso *corpus*, no seu todo, seja abrangido, seria preciso incluir todos os restantes tipos de textos que o SPN mandou traduzir para as cinco línguas.

- Louçã, António. *Portugal visto pelos nazis: documentos 1933-1945*. Lisboa: Fim de Século, 2005.
- Matos, Mário. *As Viagens Marítimas da Organização Nazi Kraft durch Freude a Portugal (1935-1939)*. *Turismo, Literatura e Propaganda*. Lisboa: s.n., 1996.
- Matos, Mário/Grossegeesse, Orlando (orgs.). *Zonas de Contacto: Estado Novo – III Reich (1933-1945)*. Braga: Universidade do Minho, Departamento de Estudos Germanísticos, 2008.
- Medina, João. “Salazar na Alemanha: acerca da edição de uma antologia salazarista na Alemanha hitleriana”. *Análise social* xxxiii: 145, 1998, pp. 147-163.
- Milton, John/Bandia, Paul (orgs.). *Agents of translation*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2009.
- Nye, Joseph S. *Soft Power. The Means to Success in World Politics*. New York: Public Affairs, 2004.
- Ó, Jorge Ramos do. “Secretariado de Propaganda Nacional (SPN) / Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo (SNI) / Secretaria de Estado da Informação e Turismo (SEIT)”. In: Fernando Rosas/J.M. Brandão de Brito (orgs.). *Dicionário de História do Estado Novo, vol. II*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1996, pp. 893-896.
- Pina, Maria João. *As imagens de Salazar no Estrangeiro 1930-1960*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Diss. Mestrado), 2000.
- Salazar, António de Oliveira. *Discursos 1928-1935*. Coimbra: Coimbra Editora, 1935.
- Seruya, Teresa. “Wolfgang Kayser in Portugal. Zu einem Aspekt der Beziehungen zwischen Portugal und Deutschland in den 40er Jahren.” *Runa. Revista Portuguesa de Estudos Germanísticos* 26, Akten des I. Internationalen Kongresses des Portugiesischen Germanistenverbandes, Bd. II, 1996, pp. 637-646.
- _____. “Wolfgang Kayser in Portugal. Zu einem wichtigen Kapitel der portugiesischen Germanistik.” In: Franz Fürbeth/Pierre Krügel/Ernst E. Metzner/Olaf Müller (orgs.). *Zur Geschichte der Problematik der Nationalphilologien in Europa. 150 Jahre Erste Germanistenversammlung in Frankfurt am Main (1846-1996)*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1999, pp. 715-725.
- _____. “Salazar translated: on translation and power under the Estado Novo (1933-1950).” In: Maria Lin Moniz/Alexandra Lopes (orgs.). *The Age of Translation. Early 20th Century Concepts and Debates*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2017, pp. 89-109.

- Seruya, Teresa/Moniz, Maria Lin. “Foreign books in Portugal and the discourse of censorship in the 1950s.” In: Teresa Seruya/Maria Lin Moniz (orgs.). *Translation and Censorship in Different Times and Landscapes*. Newcastle: Cambridge Scholars Press, 2008, pp. 3-20.
- Telo, António José. *Propaganda e Guerra Secreta em Portugal 1939-1945*. Lisboa: Perspectivas e Realidades, 1990.
- Torgal, Luís Reis. “Salazarismo, Alemanha e Europa. Discursos políticos e culturais.” In: Marília dos Santos Lopes/Ulrich Kniefelkamp/Peter Hanenberg (orgs.). *Portugal und Deutschland auf dem Weg nach Europa*. Pfaffenweiler: Centaurus-Verlagsgesellschaft, 1995, pp. 193-219.
- Vieira, Joaquim. *Mocidade Portuguesa – Homens para um Estado Novo*. Lisboa: Esfera dos Livros, 2009.

Teresa Seruya is full professor (retired) in the Department of Germanic Studies, Faculty of Arts, University of Lisbon, teaching German and Austrian literature and culture, history of translation and translation theory, translation methodologies and intercultural communication. Senior researcher (together with Moniz and Rosa) in the ongoing research project “Intercultural Literature in Portugal 1930-2000: a Critical Bibliography” within the CECC – Centre for the Study of Communication and Culture, Catholic University of Portugal. She has published on contemporary German literature, migration literature, the history of translation in Portugal, translation and censorship. She is also a literary translator of German authors such as Goethe, Kleist, Döblin, Thomas Mann and Kafka.

E-mail: t.seruya@letras.ulisboa.pt